

Cristina Tavares da Costa Rocha e Lindamir Salete Casagrande

entrevistam¹

Carla Giovanna Cabral

Nosso contato com Carla Cabral já é antigo. O primeiro encontro ocorreu no II Seminário Internacional Fazendo Gênero, ocorrido em Florianópolis-SC, em 2002. Depois dele, diversos outros aconteceram, não só nos eventos seguintes do “Fazendo Gênero”, mas também nos da “Reunião de Antropologia do Mercosul – RAM”, nos do “Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade”, em Curitiba-PR, dentre outros, além de encontros ocorridos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), quando desenvolvi nessa universidade meu programa de Doutorado.

A entrevista ocorreu na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), em 26 de junho de 2007, quando Carla foi convidada para participar de uma banca de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE).

Como jornalista, pesquisadora e professora, Carla tem publicado em vários periódicos, inclusive nos CGT do PPGTE-UTFPR. Sua contribuição intelectual faz toda a diferença na área, pelo brilhantismo de suas colocações.

Carla é formada em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo; mestre em Literatura; e doutora em Educação Científica e Tecnológica; todos programas que integram a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Com essa trajetória interdisciplinar por excelência, ela tem tido espaço e reconhecimento principalmente na área de gênero, ciência e Tecnologia.

O convite aceito para acompanhá-la em sua entrevista com as diversas narrativas de sua vida vai se tornando fascinante pela pessoa que vai se revelando a cada nova resposta às perguntas das entrevistadoras: dinâmica, extremamente crítica, vivaz e provocadora em algumas de suas abordagens.

É assim quando fala sobre seu mais recente projeto, que é uma pesquisa de pós-doutorado, na qual já surgem algumas denúncias de discriminações e preconceitos com relação ao trabalho de mulheres no âmbito da ciência e da tecnologia, enfim, das Ciências Exatas no geral. Ou quando se posiciona cautelosamente em relação a situações e “falas” de pesquisadoras feministas e de gênero em evento realizado em Brasília para se pensar questões tecnocientíficas com o foco (e mesmo a transversalidade) em gênero. Ou, ainda,

¹ Preâmbulo elaborado por Cristina Tavares da Costa Rocha. Transcrição e composição da entrevista: Cristina Tavares da Costa Rocha. Publicação da entrevista autorizada e devolvida por Carla Cabral. Primavera de 2007. As notas de rodapé são de responsabilidade das entrevistadoras.

quando diz claramente que tão apenas um número quantitativo mais expressivo de mulheres naquelas áreas da ciência e da tecnologia onde ainda elas são minorias não basta para ocorrer igualdade entre homens e mulheres cientistas, mas que é preciso sua conscientização em relação às desigualdades de gênero tanto nas dimensões particulares quanto nas públicas.

Enfim, apresentamos aos/às leitores/as dos CGT a pessoa, a pesquisadora, a profissional, a professora, a jornalista, a mulher, a amiga, a mãe, Carla Cabral. E os/as convidamos a segui-la na entrevista.

Boa leitura a todas e a todos.

Fale sobre sua trajetória intelectual/acadêmica e pessoal, até chegar na opção pelos estudos no campo de gênero.

Carla: Sou graduada em Comunicação Social, e, de uma forma ou de outra, trabalho como jornalista há 20 anos. Após a graduação, fiz mestrado em Literatura e teria seguido nessa área não fosse a perda do meu querido pai. No início dos anos 2000, interessei-me por uma área nova na minha universidade, a Educação Científica e Tecnológica, e foi lá que eu realizei uma tese na linha de pesquisa Educação Tecnológica, abordando as relações entre gênero e história da ciência. Mas a minha paixão pelos estudos de gênero nasceu bem antes.

Na graduação, pelo menos três professoras não deixavam a discussão de gênero de lado: Carmen Rial, Sonia Maluf e Aglair Bernardes, principalmente a partir da Antropologia e da Sociologia. Isso era possível graças a uma parte do currículo que dava valor a essa interdisciplinaridade na Comunicação Social. Eu me lembro que foi nessa época que a Carmen nos levou para uma conversa com a professora Miriam Grossi no CFH. Quando falo isso, é como se eu estivesse vendo a cena: nós conversávamos e ela, Miriam, falava das pesquisas, das violências contra a mulher, das exclusões. Senti inicialmente uma identificação pessoal com questões que eu, naquela época, com 20 e poucos anos (entrei na faculdade com 17), estava vivendo, ou então já tinha vivido. Então, houve um despertar pessoal, uma afinidade.

Fiz o mestrado sobre as biografias escritas sobre Clarice Lispector, investigando as relações entre literatura e memória. E foi naquele momento que tive um contato maior com a literatura e com as teóricas feministas, especialmente a Donna Haraway. Minha carreira acadêmica não era exclusiva. Ao mesmo tempo, trilhava os caminhos do jornalismo. Como disse no início, trabalhei como jornalista, em várias editorias: geral, de cultura, de política, economia, polícia. Fui chefe de reportagem. Trabalhei em televisão como repórter, fui “free-lancer”; e, em Portugal, atuei como repórter-redatora e fotógrafa. Em 1996, comecei a trabalhar na gestão de projetos de ensino de Engenharia no Centro Tecnológico de Santa Catarina (CTC). Nesse momento, percebi que a engenharia era área em que havia pouquíssimas mulheres; e no discurso, percebi também um certo tratamento discriminatório e preconceituoso da parte de alguns professores. Mas precisei guardar essas questões, ainda observações. Somente em 2002, ao iniciar o doutorado em Educação Científica e Tecnológica pude retomá-las.

Cursei o doutorado sempre trabalhando, mas nos últimos meses ganhei uma bolsa da Capes; deixei meu posto como coordenadora do Núcleo de Comunicação (jornalismo científico) que havia criado, e pude me dedicar integralmente à pesquisa, sobre a participação das mulheres na área tecnológica, na linha de pesquisa educação tecnológica.

Na banca da minha defesa, um professor disse: "Tu sabes que mudastes de área?" Ele me fez essa mesma pergunta no dia da minha entrevista para a seleção do doutorado. Porque ele queria saber se, uma vez tendo contato com aquele cabedal de conhecimento na Educação Científica e Tecnológica e ainda mais tendo trabalhado com gênero, se eu tinha consciência que estava mudando de área. Eu estava já construindo a consciência de que tinha mudado de área, que na verdade construíra um caminho de pesquisa e atuação institucional ainda pouco valorizado pelas políticas científicas do nosso sistema de ciência e tecnologia, pois inter(multi)disciplinar. Há um discurso político/acadêmico que conjuga pesquisa com interdisciplinaridade, mas há poucos reflexos nas disciplinas ministradas nas universidades ainda, por exemplo. Além disso, mudar de área significou construir uma consciência com o compromisso com uma educação crítica, a formação de cidadãos e cidadãs. Nesses (des)caminhos do doutorado, tive um apoio muito importante de professoras e colaboradoras do GeTec. Marília, Cristina, Lindamir: sempre lembrarei de vocês.

Terminada a pesquisa, muitas questões ficaram borbulhando na minha cabeça. Uma vontade muito grande de continuar a pesquisar o tema e também estabelecer novos referenciais e outros conhecimentos que pudessem ser agregados, para que eu pudesse fazer uma leitura mais criativa, mais aprofundada e que me desse resultados mais consistentes, resultados que pudessem colaborar com a formação de professores, na área dos estudos feministas, na educação científica e tecnológica, na história da ciência, colaborar também com a minha formação como pesquisadora e professora.

Por exemplo, na formação de professores da área tecnológica, engenharia (um projeto que o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (Nepet/UFSC) almeja trabalhar) é a desconstrução das visões determinista de tecnologia e empiricista da ciência, e com essa abordagem se aliasse a discussão de gênero, porque ela também participa e é poderosa para desconstruir visões tradicionais e imperfeitas e bastante limitadoras da ação de quem está na área em relação à sociedade e também daqueles que estudam as ciências, as engenharias. No Nepet, a partir da minha tese de doutorado, criamos a linha de pesquisa Gênero na Ciência e na Tecnologia. O meu trabalho foi pioneiro no PPGECT, espero que muitos outros valorizem a relação gênero, ciência e tecnologia.

Felizmente, em 2008, terei a oportunidade, no Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, de pesquisar, com a professora Miriam Grossi, a relação gênero e história da ciência. É uma pesquisa de pós-doutorado.

Você falou que seu orientador aceitou sua mudança de tema de pesquisa. Como foi a reação dele quando Você sugeriu mudar para estudar gênero?

Carla: Sim, ele aceitou e gostou muito. Porque o Walter Bazzo também é, de alguma forma, um pouco estrangeiro dentro da área tecnológica. Embora ele seja um engenheiro mecânico e Mestre em Ciências Térmicas, ele fez o doutorado em Educação. Portanto, alguém para orientar um trabalho como o que eu queria fazer, tinha que ter alguma familiaridade com a minha trajetória. Espera-se, muitas vezes, do/a pesquisador/a que ele/a tenha uma trajetória linear e quando ele/a não corresponde a essa expectativa, digamos assim, do mercado acadêmico, talvez se sinta um/a estrangeiro/a, muitas vezes porque os outros o/a vêem assim. A ciência não é só o que os cientistas fazem, mas também o que eles decidem sobre ela.

O prof. Walterⁿ e eu propusemos o tema e ele o assumiu, tratava-se de uma temática diferente e desafiante Como eu tinha, também, tido contato com teoria feminista no mestrado, com a prof.^a Tânia Ramos, que foi minha orientadora, com a Simone Schmidt, com a Cláudia Lima², que foram da minha banca de mestrado, fomos em frente. O programa também aceitou muito bem o tema. Começamos a publicar os resultados que fomos obtendo, à medida que a pesquisa ia se desenvolvendo. E era uma solitária no programa e trabalhava com gênero. Como decorrência, sentia um pouco de discriminação por parte dos outros alunos, primeiro porque eu não era da área da Ciências Naturais ou Engenharia, e depois porque eu estava estudando gênero: "(...) o que Você está fazendo aqui?" Bom, acho que o trabalho mostrou o que estávamos fazendo lá. O próprio programa é interdisciplinar. Pouca gente entende o que é essa interdisciplinaridade. Talvez ajude nesse entendimento que não preciso saber o conhecimento do outro, mas nós dois juntos podemos contribuir para um terceiro momento, para um terceiro elemento, um outro espaço mais rico, mais solidário, conhecimento novo. Enfim, nós apresentamos seminários no programa, fui cada vez me apaixonando mais e eu precisava disto, porque trabalhar e fazer doutorado não é fácil. Terminei o doutorado em 2006, no dia 14 de julho, que é a data da Queda da Bastilha, e isso se tornou simbólico da transformação que essa retomada do tema provocou na minha vida.

No pós-doutorado, vou aprofundar a pesquisa na história de vida de Helena Amélia Oehler Stemmer, a primeira professora engenheira do Centro Tecnológico (CTC/UFSC), também esposa de Caspar Erich Stemmer, um dos primeiros diretores e um dos fundadores não só do CTC, mas grande responsável por práticas de pesquisa e ensino que se perpetuaram ali. Ele também é considerado um dos empreendedores da área tecnológica no Brasil.

Fui entrevistá-la no doutorado, porque quando eu trabalhava no CTC, sempre ouvia referência à Dona Helena, em uma conversa de corredor aqui, outra conversa ali, e a percepção de que a história de vida dela e o que ela tinha feito na Engenharia Civil tinham ficado apenas nessas histórias de corredor. No doutorado, não pude dar um espaço maior para essa história de vida e também não pude lançar um olhar mais apurado para obter essa análise mais crítica, mais substancial e que pudesse de alguma forma fazer jus à história de vida

² Simone Schmidt e Cláudia Lima são teóricas feministas e estudiosas de gênero.

ⁿ Se refere ao prof. Walter Bazzo, professor da UFSC e orientador da Carla no doutorado.

dela. Agora, no pós-doutorado, o farei. Quero lançar um olhar a partir de conhecimentos da Antropologia sobre a história de vida da Helena, que foi uma das pioneiras do ensino de Engenharia em Florianópolis, Santa Catarina, Sul do Brasil. Ela também foi uma das primeiras alunas formadas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Quero pesquisar mais a vida dela para saber se ela influenciou suas alunas, como era a relação dela com o departamento, que práticas instaurou, relações de parentesco, principalmente o casamento com Stemmer, identidades/afinidades. Ela foi também uma das únicas, senão pelo que apurei até agora, a única chefe de um departamento de engenharia no CTC, que é um dos espaços mais difíceis de uma mulher conquistar, porque é um espaço com muito poder. Coordenadoria de curso as mulheres alcançam; idem para Coordenadoria de pós-graduação, espaço mais próximo aos alunos. Mas, espaço de poder, que envolve dinheiro e projetos, esse é mais difícil de as mulheres conquistarem. E a Helena conquistou. E outras mulheres têm conquistado hoje em dia. Mas, sempre que se fala em Dona Helena, sua imagem associa-se à do marido, prof. Stemmer. Por que não se assevera a citação prof.^a Helena? Então, estou ensaiando aqui com vocês algumas reflexões que vou ter que aprofundar depois. É uma pesquisa que está me entusiasmando muito.

Em sua defesa de tese você informou que esteve na casa do prof. Stemmer, para entrevistar a prof.^a Helena e acabou contando algo sobre a relação dos dois.

Carla: Aconteceu o seguinte: fui a primeira pessoa que entrevistou a prof.^a Helena. Em todos esses anos, com toda a liderança que ela exerceu no CTC, com todas as coisas que ela fez, algumas poucas públicas, narradas em corredores, e que ainda não foram publicizadas, porque não foram resgatadas. Ninguém foi entrevistar essa mulher. No perfil que escrevi, descrevo como foi a minha chegada à casa dela, porque era um dia nublado e ela mora numa espécie de chácara no meio de um bairro universitário. Tem uma ladeira com calçamento com pedras de paralelepípedo e tinha limo. Então, subi com muito cuidado aquela ladeira porque estava com medo de escorregar. Quando cheguei, tinha um cachorro muito bonito com um dos olhos azuis.

Logo a prof.^a Helena veio. Subi por uma escada na garagem. Entrei na sala. Ela sentou-se na cadeira, na cabeceira da mesa. Ela sentou no lugar de mando da casa. Achei aquilo muito simbólico. Ela colocou os braços sobre a mesa, como a dizer: “Agora sou eu. Agora é a minha vez.”. Eu sentei ao lado e fiz a entrevista com ela. Não foi uma entrevista muito longa, porque eu tinha intenção de voltar, mas depois entrevistei muitas outras professoras e essas, sim, foram entrevistas longas. Mas agora vou ter chance de visitar o campo. Logo vou entrevistá-la novamente e espero que a saúde dela permita e que ocorra tudo bem.

E num dado momento da entrevista, o marido dela chegou na sala e houve (não foi exatamente um mal-estar) mas ele olhou a mulher sentada na cabeceira da mesa na sala, dando uma entrevista. Ele perguntou: “Do que se trata?” Eu expliquei. Ele já deu uma declaração, informando que nos Estados Unidos se incentiva muito a participação das mulheres na Engenharia. Ele

estava se referindo às ações afirmativas. E Helena estava desassossegada na cadeira. Ela, sim, sentiu um mal-estar porque ela queria ser a protagonista daquele momento e não queria que o marido atrapalhasse. Logo ele foi embora, porque percebeu que naquele momento era a história de vida dela, era a expressão dela; enfim, era a mulher dele que estava sendo entrevistada. Então, ele acabou saindo. Porque sempre foi ele o protagonista das histórias.

As histórias das universidades, como de resto as histórias de países, de cidades, de episódios se centram muitas vezes em uma pessoa apenas. Então, na UFSC, isso acontece também, de se registrar e divulgar a construção da história da universidade a partir de biografias. Mas a biografia é narrativa que envolve a memória de um indivíduo, mas não só. Na sua versão mais tradicional não dá conta de mostrar outras relações e pequenos (e por que não importantes?!) fatos que estiveram envolvidos naquela construção histórica. O professor Stemmer está acostumado a ser o protagonista, a ser o biografado. Então, nada mais natural do que ele sentir-se um pouco deslocado. Será que ela vai fazer uma pergunta para mim? E não foi o caso. É algo também que não desejo fazer com a Helena, que é construir uma biografia convencional. Na verdade, sua biografia permeia a minha pesquisa. Desejo, sim, desvelar uma trajetória encoberta. Parece mais fácil fazer uma biografia, porque você vai contando os fatos da vida de uma pessoa, mas é difícil fazer uma biografia – é preciso saber enxergar o não-dito, os contextos, as outras biografias. É uma narrativa bastante complexa de se construir.

Aproveitando, em relação à primeira pergunta, quando olhei a minha dissertação ao lado da minha tese foi que vi que estava trabalhando com as histórias de vida. Porque o título da minha dissertação tem histórias de vida: *Cinco Histórias e Sete Vidas: Narrativas Biográficas de Clarice Lispector*. E as histórias de vida das professoras de engenharia na pesquisa de doutorado. Então, novamente eu estava nas histórias de vida. Agora, no pós-doutorado, também quero retomar a relação entre literatura e memória, para trabalhar essas narrativas. Tenho boas lembranças desses estudos.

Voltando à casa da Helena, o Stemmer logo saiu e nós continuamos a entrevista e achei muito interessantes as coisas que ela me disse. Eu só conhecia a prof.^a Helena de vista, observava-a de longe. Eu nunca tinha conversado com ela. Quando falei da intenção da entrevista, ela logo aceitou. E percebi como aspectos da vida dela ficaram encobertos por conta da biografia da figura do marido. Por exemplo, a vinda deles para Florianópolis. Os dois se formaram na UFRGS³. Eles estudaram no mesmo colégio no 2.º grau, o Julio de Castilhos (o Julinho). Eles já se conheciam de vista no colégio. O Stemmer era muito bom aluno. Foi para Engenharia Mecânica e a Helena para a Engenharia Civil. Mas se aproximaram na universidade. Depois se casaram. Em Porto Alegre, ela deve ter sido uma das primeiras engenheiras a trabalhar com cálculo estrutural na cidade. Ela conta que essa era uma função raramente exercida por mulheres. E ela gostava muito. Então, ela tinha um *status* profissional lá.

³ UFRGS = Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ela tinha a família dela, e ela dá muito valor à família. O avô dela era escultor. Em vários lugares de Porto Alegre há esculturas de seu avô, porque ele fazia muitas encomendas para o serviço público.

A prof.^a Helena conta que se mudar para Florianópolis não foi uma coisa fácil e que ela se sentiu como enganada. (Essas não são palavras dela. Isso sou eu que estou dizendo!). Porque ela ia passar um ano; depois já eram três, e, no fim, foi a vida inteira. E ela disse que deixou tudo para trás e até mesmo no enterro da mãe, não pôde ir; chegou atrasada. Ela conta com tristeza esses fatos. Ela mudou-se para Florianópolis, sendo engenheira calculista de uma das empresas de Engenharia mais importantes de Porto Alegre. E quando chegou, não tinha emprego; foi trabalhar como professora no Colégio Sagrado Coração de Jesus. Depois é que ela fez concurso para Engenharia Civil e foi trabalhar na UFSC com cálculo de estruturas, mais uma vez, porque essa era a área dela. E logo se tornou chefe do departamento; coordenadora de curso; foi ela quem reuniu as informações dos 25 anos da Engenharia Civil. É um dos poucos livros que temos da área tecnológica que conta essa história. É um livro em que ela fez o levantamento de todos os alunos e alunas; então, quando perguntei a relação de gênero, quanto a meninos e meninas na Engenharia Civil, ela tinha na ponta de língua essas informações, porque ela tinha feito um levantamento e sabia até um determinado momento quantos meninos e meninas havia.

A prof.^a Helena terá muita coisa ainda para lhe contar e lhe desejar sucesso nessa pesquisa. Mas, retomando a informação do professor de sua banca de doutorado, quando lhe perguntou se você tinha consciência que estava mudando de área, ele quis dizer que você estava migrando da Comunicação Social para a Educação?

Carla: naquele momento, pensei dessa forma. Amadurecendo a questão, percebo que fazer pesquisa em educação leva a um compromisso maior com a educação propriamente dita; tu passas a pensar nos problemas de pesquisa com um olhar diferente. Penso que, no fundo, ele estava se referindo a esse compromisso com a educação crítica, que é um compromisso que temos, nós privilegiados doutores, com a sociedade em que vivemos, com a formação de cidadãos e cidadãs, como disse.

Poucas pesquisas sobre a relação gênero, ciência e tecnologia debruçam-se sobre questões epistemológicas e isso é primaz quando se quer desconstruir modelos históricos de preconceito e discriminação social.

Várias pesquisas têm mostrado a discriminação que há nas Ciências Naturais e na Tecnologia (e não só), muitas abordam o que convencionalmente chamamos de barreiras sócio-historicamente e sócio culturalmente construídas nessas áreas para as mulheres. E que elas vão conquistando espaços e derrubando as barreiras. Gosto de usar uma frase da Margaret⁴: “Até quando essas barreiras?”

Eu penso que um trabalho consistente não despreza o papel que a educação tem na desconstrução de estereótipos, por exemplo. Não acredito

⁴ Margaret Lopes, da Unicamp.

que um número maior de mulheres nessas áreas, nas áreas das Ciências, nas Engenharias, enfim, por si só, possa modificar esse mundo de desigualdade que se vivencia historicamente. É preciso ter consciência crítica do gênero, da ciência, da tecnologia.

Poderia prosseguir nesse raciocínio, explorando mais suas abordagens expostas em Brasília⁵ sobre o que falta ainda para as mulheres diminuírem as desigualdades de gênero, apesar das conquistas já obtidas?

Carla: Prosseguindo no raciocínio, não acredito que um número maior de mulheres por si só vá modificar esse modelo androcêntrico de Ciência. Esse modelo, epistemologicamente falando, é responsável pelas desigualdades na área. Abordei essa questão em minha tese como de suma importância. As narrativas da ciência e tecnologia, as teorias, o desenvolvimento científico na ciência e tecnologia foram construídos dentro desse modelo androcêntrico, que, em primeira instância, rejeitou a subjetividade, como rejeitou uma relação ou uma inter-relação de subjetividade e objetividade, de forma a preservar uma imparcialidade e uma impessoalidade que sabemos que não existe. Isso apartou gênero. Quando vamos discutir modelos de ciência, modelos de tecnologia, o gênero é poderoso para desconstruir essas visões. E incluir a história de mulheres cientistas, engenheiras, suas contribuições, na história da ciência e da tecnologia, faz emergir outros modelos, conceitos do que é ciência, do que é tecnologia e que tipo de relação o conhecimento científico tem com a sociedade, o poder e a vigilância que exerce na sociedade, sem que essa sociedade esteja preparada para fazer outra ciência ou criticá-la com consistência. Por isso, entre outras coisas, não é a quantidade de mulheres em áreas científicas, como já se comprovou em estudos em países como os Estados Unidos da América do Norte, mas a existência de uma consciência crítica.

O que Você incluiria a mais para que essa mudança ocorra de modo mais significativo?

Carla: Acredito seja necessário se desconstruir a visão tradicional de ciência e tecnologia, tanto em relação aos seus conceitos quanto a sua história e participação pública nas decisões. Um sério trabalho em vários níveis do ensino brasileiro deve ser realizado. Não só no ensino fundamental e médio, nas universidades, com formação de professores. Um exemplo. Trata-se de educação. Os currículos de Engenharia, de uma maneira geral em nosso país, não prestigiam discussões epistemológicas. No caso da UFSC, os professores do Nepet ministram a disciplina “Introdução à Engenharia”, que já faz uma relação com a sociedade, por conta da discussão do campo CTS e a disciplina “Tecnologia e Desenvolvimento”, onde fui responsável pela discussão de gênero. Então, precisamos discutir esses temas na universidade e fora dela,

⁵ Entrevistadoras e entrevistada estiveram juntas em Brasília, participando do “Encontro Nacional Pensando Gênero e Ciências: Núcleos e Grupos de Pesquisa”, organizado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM); pelos Ministérios da Ciência e Tecnologia (MCT), da Educação e Cultura (MEC), pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM), em março de 2006, e mais especificamente, do Grupo de Trabalho nº 6: “Ciência e Tecnologia como reservas masculinas”, ocasião em que Carla explicitou parte das abordagens aqui expostas.

por meio de várias linguagens e estratégias didáticas, porque é preciso, como diz a canção “ir aonde o povo está”. É preciso que se tenha uma consciência crítica da ciência e da tecnologia e uma consciência de gênero. Isso é o que eu chamei de conhecimento dialogicamente situado em minha tese. Porque o conhecimento situado vai proporcionar uma inter-relação entre a subjetividade e a objetividade a partir de uma localidade de gênero. Localidade histórica e social; o dialógico não é só essa inter-relação. Eu fiz uma figura que mostrava a relação do sujeito consigo, do sujeito com o outro e com a outra, do sujeito com o meio, com a sociedade e com o conhecimento e, enfim, o diálogo; essas são possibilidades de troca de conhecimento com os vários agentes de um processo dado. Portanto, se não há uma consciência crítica em relação à ciência e à tecnologia, ou em relação à ciência, à tecnologia e à sociedade, as possibilidades de interação, mais que isso, diálogo, o sujeito não tem a consciência das relações de gênero, portanto, não tem mudança.

O gênero foi apartado da construção da ciência e da tecnologia, como nas teorias e nos modelos, isso fica mais evidente na história da ciência. A própria ciência, ao resgatar sua história, se centra em indivíduos, e não em todas aquelas pessoas ou em todos os cientistas que foram responsáveis, em diferentes momentos históricos, para que se chegasse a uma determinada teoria.

Há um livro muito interessante, que se chama *EMC²: uma biografia*. O autor faz um resgate desde o século XVII, se não me engano, até a Teoria da Relatividade. Ele passa pela Emille du Chatêlet e resgata sua contribuição nos salões, espaços onde as mulheres podiam expressar e explicitar o seu saber científico. Mostra como ela, muito mais do que Voltaire, seu amante, era mais inteligente, mais culta. Porém, por ser mulher, os seus estudos sobre o conceito de energia foram desprezados, contribuição escondida, velada. Mas isso não é só um problema de não se discutir as relações de gênero. É que a narrativa histórica também quando resgata, resgata a história e a põe sobre os ombros de um só cientista, por exemplo: o cientista, o gênio. Quando se fala numa teoria, se imputa a autoria a uma pessoa, esquecendo que a ciência se faz em equipe; ciência se faz em grupo. Não existe cientista solitário, somente malucos em laboratório. Isso é coisa da representação que se faz de ciência, de imagens que ficam sendo celebradas na mídia, por exemplo, como aquela imagem do Einstein, com aquele cabelo arrepiado e a sua língua de fora. E esse tipo de representação prejudica uma visão mais crítica do real, com mais facetas do real sendo representadas. Quase nunca se representa a ciência a partir das cientistas, há poucas exceções.

Aproveitando quando você falou da mudança do conceito de ciência. Como modificar esse conceito de ciência, se ele nem existe? Se essa possibilidade não existe para a criança, ser cientista parece ser algo tão distante, só para pessoas raras, com um cérebro iluminado, inatingível para aquela criança de escola pública.⁶

⁶ Essa pergunta foi feita por Lindamir, baseada em sua dissertação, na qual analisou os livros didáticos de Matemática; e uma das categorias foi a representação da ciência e do cientista. Diz que ela praticamente inexistente ou raramente aparece. Acredita que isto também contribua para o pouco interesse das crianças por serem cientistas.

Carla: Nesse momento intermediário tenho trabalhado como jornalista “free-lancer”. Outro dia fiz uma matéria sobre a Olimpíada Brasileira de Matemática. Fui entrevistar um professor do PPGET⁷, o prof. Mérciles⁸, ele é da área de Educação da Matemática. No fim, a editora cortou a minha matéria sobre a Educação Matemática, na qual eu fazia uma crítica às Olimpíadas; falava das coisas boas também. Enfim, essas coisas no jornalismo acontecem e são bem desagradáveis. E ele dizia que a imagem da Matemática foi construída historicamente de uma forma muito negativa. A criança já entra na escola com uma imagem pré-concebida na família e no meio em que ela vive. Se isto não é desconstruído ao longo do tempo, ela provavelmente não vai cursar Matemática na universidade ou nem vai se interessar em aprender ou saber para quê. Muitos professores que dão aula sobre o tema também carecem de uma formação epistemológica que lhes permita jogar um olhar crítico sobre a ciência que ele aprendeu e que ele está tentando ensinar. Dessa forma, as crianças em idade escolar, as pessoas de uma maneira geral, simplesmente não gostam de matemática. Não conseguem enxergar que a matemática está na vida o tempo todo – falta conhecimento matemático crítico. E isso muitas vezes impede uma cidadania plena para essas pessoas.

No caso do gênero, no caso das mulheres cientistas, por exemplo, tem uma outra coisa. Acho que não basta recuperar a história das mulheres. É preciso recuperar a história das mulheres criticamente e estabelecer relações críticas daquela vida, da atuação que aquela mulher teve naquele momento histórico que ela viveu e em relação ao presente. Um olhar crítico relacional. Associar conhecimentos é importante. Penso que a Antropologia tem contribuições importantes aí. Então, não basta agora a gente recuperar a história de uma mulher da ciência por si só. Mas, fazer uma crítica de gênero e que esse trabalho possa ser feito nos níveis acadêmicos tradicionais, nos níveis de iniciação científica, graduação, mestrado, doutorado, que seja, mas que em algum momento, eles possam ser transpostos para uma ação educacional, de formação, formação das pessoas,. Que em algum momento nós possamos ter, quem sabe, a coragem de levar esse conhecimento - porque para isso vai precisar de todo um trabalho didático, pedagógico, de linguagem, etc.-, para que meninas e meninos conheçam as histórias com visão crítica, não só de gênero, mas também da ciência e da tecnologia, para que lá na frente, quando eles assistam uma propaganda na televisão, de um celular (porque propaganda de celular é bombardeio; há muita propaganda de celular; é o que vem mais à minha cabeça no momento) eles possam ter uma visão crítica que aquele aparelho é útil para comunicação, sem fio, rápida, mas ele também é um equipamento de controle, de vigilância, que está inserido num modelo capitalista, invasivo, porque o celular não dá privacidade nenhuma para ninguém. É uma parte da sua memória de comunicação. Então, para que lá na frente, ou agora, quando ele esteja em casa, lendo um jornal, vendo um

⁷ PPGET = Programa de Pós-Graduação em Educação Científico e Tecnológico.

⁸ Prof. Mérciles Thadeu Moretti.

programa de TV - porque a mídia tem este alcance fulminante -, ele possa ter uma visão crítica. E saber também quem são os projetistas da tecnologia daquele aparelho, que há poucas mulheres em áreas como essas. Por que não?

Você fala que o campo da ciência e tecnologia, por seu caráter androcêntrico por excelência, não contemplou gênero. Mas, o lado oposto também não aconteceu, ou seja, gênero, enquanto campo de estudo, não deixou à margem ou não contemplou como deveria ciência e tecnologia?

Carla: No Brasil, precisamos pensar melhor sobre isso. Nos Estados Unidos, por exemplo, eles têm já um caminho de pesquisa, que se inseriu no campo da História das Ciências e que discutiu epistemologicamente uma série de aspectos. Eu gosto muito desse trabalho que elas fizeram como uma fonte sempre fresca para nós bebermos. Na França e no Canadá, há uma tradição de estudos sociológicos interessantes. Isso acontece na Espanha, onde pesquisadores do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade tem se dedicado à filosofia da ciência, sociologia, história da ciência, etc., Na América Latina, também há grupos. Eu percebo um aumento no interesse por esses temas. Pelo tema gênero, ciência e tecnologia fora dos grandes centros científicos.

Elas quem?

Carla: Nos Estados Unidos, a Helen Fox Keller, a Sandra Harding, a Donna Haraway...

Estas teóricas são contemporâneas.

Carla: Sim. Mas voltando a uma pergunta anterior. Penso que as áreas conceberam olhares diferentes, de acordo com as suas tradições teóricas e metodológicas, à relação gênero e ciência. E até algum tempo atrás não se falava em relação gênero e ciência nos estudos de gênero. O estudo das relações de gênero na ciência vem de uma linha da história e da filosofia da ciência. Pesquisadoras brasileiras como a Margaret Lopes questionam a tradição que nós podemos ou não construir no nosso país. Que temos trabalhos na área, mas precisamos conhecê-los melhor em termos de constituintes de um campo (inter) disciplinar. Qual?

Então, penso que a gente pode e deve olhar para esses trabalhos, mas que nós, no Brasil, temos outras hipóteses. Algumas hipóteses semelhantes, mas temos outras realidades. Devemos nos debruçar sobre as nossas realidades e fazer as nossas próprias perguntas. Tenho que me lembrar do livro da Schiebinger, porque foi lendo aquele livro que eu comecei a me questionar sobre essa falta de consciência, porque nos Estados Unidos houve um grande investimento em ações afirmativas que tinham como objetivo – e já vou chegar onde você quer – aumentar o número de mulheres na área, mas isso mostrou que não aumentou tanto a liderança e que a expressão numérica das mulheres não trouxe o empoderamento desejado.

Qual é o nome da pesquisadora que você acaba de citar?

Carla: Londa Schiebinger, professora de história da ciência em Stanford.

Ah, sim, Londa Schiebinger, que escreveu o livro *O feminismo mudou a Ciência*?

Carla: Isso. Agora, você pergunta se o gênero desprestigiou essas áreas? Eu vou fazer um resgate. No evento de Brasília, percebi que mesmo algumas pessoas que estavam já há um certo tempo trabalhando com gênero,

não sei se sabiam o que estavam falando, mas lhes faltava algo, porque tu⁹ estavas estudando algo semelhante ao que eu estava estudando; a Marília¹⁰ e você, Lindamir¹¹, estavam lá também. Então, uma série de questões que estavam sendo faladas lá não ecoavam, porque os estudos das relações de gênero tinham se centrado em outros territórios. Pelo menos na UFSC, os estudos de Literatura têm um grupo muito interessante de estudos de gênero e de crítica feminista. Na Antropologia, idem. Mas eu nunca tinha ouvido falar que lá - a não ser com o teu trabalho, Cristina, e o trabalho da Silvana¹², porque ela fez um trabalho com as estudantes de Engenharia, estudava-se gênero, ciência e tecnologia. Então, quando cheguei no evento de Brasília, senti até no próprio grupo específico que discutimos (o GT 6), um certo -por que não dizer?- desconhecimento do tema. Porque de repente, as acadêmicas que têm toda uma tradição de crítica às relações de gênero em vários âmbitos - na História, na Sociologia, na Antropologia, na Literatura, etc.-, começavam só então a olhar para a ciência e a tecnologia. Naquele momento, fiquei me perguntando o porquê disso.. Agora, sinto o seguinte (e tem um pouco a ver com o que a Margaret disse): essa discussão da relação gênero, ciência e tecnologia é como se fosse um campo virtual, na verdade, disperso, porque até mesmo no campo já consolidado como História das Ciências, só recentemente ele tem agregado os estudos de gênero¹³.

Mas, mesmo na História das Ciências, gênero, ciência e tecnologia só recentemente começou a ser incorporado, embora gênero já viesse sendo estudado. Então, essa discussão não nasce nos estudos tradicionais de gênero, não no Brasil.

Eu penso o seguinte: precisamos fazer nossas próprias perguntas e, de alguma forma, nos estabelecermos como campo de estudos para nos fortalecermos dentro de uma área determinada, ou como um campo interdisciplinar mesmo, que talvez seja a tendência. Mas isso, penso, é uma discussão que em algum momento vamos fazer um evento, por exemplo, no Brasil, que seja gênero, ciência e tecnologia. Nós não temos um específico. Então, o campo também se forma a partir da reunião de pesquisadores, das publicações e dos congressos. Embora as pesquisas estejam sendo feitas, o campo ainda é muito disperso nas universidades e nos centros de pesquisa. Gosto muito de discutir esse tema. Em um outro momento, poderíamos retomá-lo. Mas, para terminar, seria precipitado dizer que os estudos de gênero tenham

⁹ Carla dirige-se a Cristina T. da C. Rocha.

¹⁰ Refere-se a Marília Gomes de Carvalho, coordenadora do GeTec- UTFPR e prof.^a do PPGTE-UTFPR.

¹¹ Refere-se a Lindamir S. Casagrande.

¹² Refere-se a Silvana Maria Bitencourt, professora do departamento de educação da UFSC, que pesquisou as estudantes de Engenharia.

¹³ Nesse momento da entrevista fomos interrompidas por Ivan, companheiro de Carla Cabral, que retornava com a filha do casal, neném de sete meses de idade, porque ela precisava ser alimentada pelo leite da mãe. Gentilmente, ele havia saído para dar um passeio com a neném, para que Carla pudesse ter mais liberdade para dar a entrevista. O casal estava vivenciando, na prática, as relações de gênero direcionadas a uma maior eqüidade entre homem e mulher no casamento. Mas, o bebê chora muito e não quis mamar. Propusemos interromper a entrevista. Carla passa ao companheiro um remédio para os dentes do bebê e ele sai, uma outra vez, para dar à Carla alguns minutos a mais para encerrarmos esta atividade.

deixado de lado a ciência e a tecnologia como objeto de pesquisa. Eu compactuo mais com a idéia de se levantar os trabalhos que foram realizados, em que áreas, de que ponto partimos, onde estamos e quais são nossos problemas e objetivos de pesquisa. A história da ciência é um campo inter(multidisciplinar). Então, sua relação com o gênero pode ter partido de várias áreas, inclusive onde estão presentes os estudos de gênero. Pode ser também que alguns grupos tenham marginalizado temáticas de ciência e tecnologia, enquanto outros, não.

Existe uma epistemologia feminista ou feminina?

Carla: Penso que se você discute criticamente gênero como um poderoso desconstrutor dessa visão de ciência como um produto empírico, de lógica e experiência, você traz um olhar feminista. E quando você trabalha com a possibilidade de consciência, se a consciência de gênero lhe trouxe também a consciência científica e tecnológica de forma crítica, é uma abordagem feminista, também. Desde que se tenha consciência. Ciência feminina eu acho mais complexo, porque pode, mais facilmente, se afinar ao essencialismo, a aspectos que fogem a uma construção socio-histórica, que é o âmbito em que pesquisei. Prefiro não adotar a expressão ciência feminina.

O seu atual companheiro é o mesmo com quem você teve seus dois primeiros filhos¹⁴?

Carla: Não, não é.

Como você faz para conciliar a família (filhos adolescentes, uma neném e marido) com a carreira profissional e os estudos?¹⁵

Carla: O caminho da conciliação exige que eu me organize bastante, eleja prioridades, saiba usar melhor o meu tempo. Dito assim parece que é só seguir algo como uma receita, mas não é assim. No início do ano de 2007, tinha somente as manhãs para trabalhar, período em que a minha neném ficava no berçário e a minha filha adolescente no colégio. Meu filho mais velho também estava estudando. À tarde, ficava com as meninas, atendo-as no que necessitavam, cuidando da minha casa, flores, cozinhando. O meu companheiro é engenheiro químico, com doutorado em Engenharia Mecânica. Por ser pesquisador, ele conhece de perto a vida acadêmica e compartilhamos muita coisa. Procuramos transitar, um e outro, pelos vários papéis que a sociedade imputa a homens e mulheres, sem nos situarmos, obrigatoriamente, num ou noutro. Quer dizer que ele pode deixar por um ou dois dias o seu trabalho e me acompanhar numa defesa ou num congresso para cuidar da nossa neném. Assim como eu seguro o nosso cotidiano quando ele precisa viajar. Ou lavar a louça e preparar uma comida, enquanto eu estudo ou cuido da nossa filha pequena,

¹⁴ "Carla tem três filhos: Guilherme, com 20 anos; Mariana tem 13; a pequena Clara desfila seu primeiro ano de vida".

¹⁵ Esta e as perguntas que seguem, Carla respondeu por e-mail, porque foi atender à filha recém-nascida. Outros arranjos também foram feitos por e-mail, pois entre a entrevista propriamente dita e sua publicação transcorreu algum tempo, por causa de compromissos profissionais da entrevistada.

Clara, ou estou com a Mari. Ou até mesmo toco flauta.

Entendi, com a vida, que se não fazemos o que gostamos os dias se esvaem e a beleza empalidece. Eu gosto muito de pesquisar e conhecer, por isso tem valido a pena todo o empenho para não desistir, mesmo nas horas mais difíceis.